

A RAZÃO APAIXONADA

HOMENAGEM A FERNANDO GIL



EVOCÇÃO DE FERNANDO GIL NO ESPÍRITO DA MÚSICA

Manuel Ferreira Patrício

1. É com pesar que aqui evoco Fernando Gil. Evoco, antes de tudo, a pessoa. Evoco, depois, a figura, que foi grande. Evoco, finalmente, o colega e o compatriota.

Fernando Gil foi uma pessoa admirável. Conheci-o tarde, há meia dúzia de anos. Refiro-me ao conhecimento pessoal. Aconteceu isso no Conselho Editorial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Afável, modesto, atento, utilizador moderado mas eficiente da palavra, a sua presença era marcante, pesava no colégio a que pertencia. Pesava por si mesma. Provocava naturalmente o reconhecimento da sua qualidade científica e da sua grandeza humana.

Conheci-o, como figura da cultura e da filosofia, muito mais cedo, desde a época de 60, da leitura do livro *Sinais (Signes)* de Maurice Merleau-Ponty, que traduziu para a Minotauro. Mais tarde, em Évora, creio que na década de 80, vi-o e ouvi-o num evento científico promovido por professores de Filosofia da Escola Secundária André de Gouveia, sucessora do Liceu Nacional de Évora — lembro-me, sem querer ser injusto para ninguém, da Dr.^a Ana Barbosa, do Dr. Celestino David e do Dr. Marcial Rodrigues —, numa sessão que teve lugar no Anfiteatro do Colégio do Espírito Santo da Universidade e que con-

tou com a presença de figuras do mundo filosófico internacional, trazidas até nós por Fernando Gil, em que avultava a figura de Jean Petitot. Não conhecendo bem, à data, o percurso e a obra de Fernando Gil, dele me ficou então a imagem de um filósofo e professor de Filosofia cujas atenções estavam centradas na epistemologia e na filosofia da ciência. Fui entretanto tomando conhecimento dos seus livros e de outros textos que iam sendo publicados entre nós, todos posteriores a essa data, e a imagem que havia formado foi-se confirmando. A essa imagem se foi sobrepondo solidamente outra, afirmativa de superior qualidade do seu trabalho filosófico. Foi dentro do Conselho Editorial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda — cenáculo institucional onde o grupo de individualidades-conselheiros procura servir responsabilmente a cultura portuguesa através de uma correcta e clarividente política editorial — que me foi dado conhecer do lado de dentro o homem, o intelectual, o filósofo, o professor, o cidadão, o colega, de forma «compreensiva», para me exprimir na atmosfera espiritual e na linguagem de Dilthey. Todas as imagens que havia formado foram não apenas confirmadas mas elevadas a uma altíssima potência. Foi o tempo de dar graças a quem elas são devidas pelo privilégio de ter podido partilhar um pouco da convivência com aquele homem notável.

Descobri então, nesse afectuoso e laborioso convívio, que o mundo da epistemologia e da filosofia da ciência era apenas uma parcela do mundo filosófico de Fernando Gil. Eu, que me inclinaria, à partida, para ver nele mais um residente no plano do intelecto que no plano da sensibilidade, por outro lado decerto um «estrangeirado» ou mesmo um «desnacionalizado», no mínimo indiferente ao esforço por pensar autonomamente em português como desde o início foi o da história, e pré-história, do movimento da «filosofia portuguesa», descobri um homem vivo, fremente, sério, corajoso, sensível à realidade sob todos os seus aspectos e em todas as direcções, aberto mesmo ao plano das ultimidades e do mistério. Esse fenómeno da transfiguração humanista da sua imagem foi reforçado pelo melhor conhecimento das suas preocupações e posturas políticas, reveladoras do seu compromisso profundo e inapelavelmente sério com o bem da comunidade, sem preocupação com o detestável «politi-

camente correcto» e apenas com a preocupação com o «eticamente correcto», respeitando o discurso da genuína realidade da primeira à última sílaba. E tudo, sempre, com um respeito infinito pelo outro, que é a comunidade, que é cada um de nós. Lembro, neste ponto, a sua tomada de posição sobre a intervenção norte-americana e seus aliados no Iraque, em que a recorrente inquisição nacional e europeia desde logo silenciosamente o inscreveu no livro dos afinal «malditos», numa demonstração inequívoca de deslealdade, inimizade, má-fé, intolerância e desrespeito. Mas há ossos duros de roer. Fernando Gil, com a sua impecável personalidade ética e a sua imaculada existência pessoal e pública, era um osso impossível de roer.

2. Julgava eu que todas as surpresas a seu respeito já me tinham sobrevivido quando me cai nas mãos o livro *A 4 Mãos — Schumann, Eichendorff e Outras Notas*, editado, precisamente, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Estávamos em Abril de 2005. Fernando Gil já se encontrava gravemente doente, lutando serenamente pela vida. Li de imediato o seu ensaio «Exemplos musicais». Que poderia esperar dele? Tendo como referência o meio filosófico português, esperaria um texto «considerativo» — como diria Agostinho da Silva —, recheado de informação, de inteligentes raciocínios e apreciações, numa boa hipótese «musicológico» — ou seja, *sobre* a Música... —, mas nunca um texto que mergulhasse directamente na música propriamente dita, escrito por alguém que conhecesse a música na sua intimidade. Ora foi a melhor hipótese possível aquela que afinal se verificou. É a música, em mergulho directo, que Fernando Gil vai pensar. Confessa ele ter hesitado em «dar esta conferência», dizendo com a sua timidez e modéstia: «não sou musicólogo». O texto diz outra coisa: mostra-o perfeitamente conhecedor da música, ou seja, nas condições a meu ver indispensáveis para falar *dela* e *sobre ela*. Mário Vieira de Carvalho, na «Apresentação» que faz do livro, confirma esta dimensão da personalidade cultural e filosófica de Fernando Gil: «Há muito que admiro o seu conhecimento em extensão e profundidade da música, e não só da europeia ou da chamada ‘erudita’ europeia.» (*Op. cit.*, p. 7.) Que um filósofo conheça a música em

extensão e profundidade, já é algo de muito bom, mas Mário Vieira de Carvalho vai mais longe e mais fundo, declarando que Fernando Gil se lhe «afigura um raro exemplo de que não há conhecimento da música sem filosofia» (*ibidem*). Por mim, estou inteiramente de acordo. Na história da música, é em Beethoven que encontro a mais alta consciência desta realidade. Na história da Filosofia, encontro-a em Schopenhauer e em Nietzsche. No mundo filosófico ibérico, até agora só tinha topado com essa consciência em Juan David García Bacca. É honra e satisfação para nós que Fernando Gil se inscreva nesta escassa galeria. Tive, na altura, a oportunidade de o felicitar por esse facto, declarando-lhe a minha admiração, e ambos conversando um pouco sobre a sua competência musical. Todavia, desde muito longe a filosofia se relaciona com a música e a sustenta pelo seu pensamento. Vem de Pitágoras e dos pitagóricos esse casamento. A escala musical foi criada por Pitágoras, a partir das suas experiências com o monocórdio e o desenvolvimento que lhe deu o seu discípulo Aristóxeno. O problema dos sons enarmónicos, decorrente da utilização milenar dessa escala, só foi resolvido no século XVIII, por J. S. Bach, com o seu «cravo bem temperado». O teclado do piano é a expressão visível desse longo percurso, em que a música, a ciência e a filosofia estão entrelaçadas desde o século VI a. C.

3. Como sinteticamente afirma Mário Vieira de Carvalho, o «tema nuclear» do ensaio de Fernando Gil é o seguinte: «o *Liederkreis op. 39* de Schumann e o universo poético de Joseph von Eichendorff» (*ibidem*). Todavia, inspirando-me em Ibn Arabi, direi que o núcleo desse núcleo é uma profunda meditação sobre a própria essência da Música e seu espantoso poder espiritual.

A legenda que antecede o ensaio de Fernando Gil diz tudo sobre a sua relação com a Música e aponta desde logo para o núcleo do núcleo. Trata-se de uma breve citação de Shakespeare, extraída de *The Merchant of Venice*, V, 1. Ei-la:

*The man that has no music in himself,
Nor is not moved with concord of sweet sounds,
Is fit for treasons, stratagems and spoils.*

ÍNDICE

Evocação de Fernando Gil no espírito da música, <i>Manuel Ferreira Patrício</i>	7
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo, <i>Guilherme d'Oliveira Martins</i>	19
A onto-antropologia do jovem Fernando Gil, <i>António Braz Teixeira</i>	27
Verdade e imaginação em <i>Mimésis e Negação</i> , <i>Paulo Tunhas</i>	43
O pensamento categorial. Sobre <i>Mimésis e Negação</i> , <i>Marta de Mendonça</i>	75
Fernando Gil: a razão fragilizada, <i>Miguel Real</i>	93
Fernando Gil e a sedução das «paisagens dos confins», <i>José Luís Brandão da Luz</i>	113
«Tremendos são os deuses quando aparecem às claras», <i>Mário Santiago de Carvalho</i>	129
Sentimentos de inteligência, <i>André Barata</i>	143
Enigmas — o eu, a morte, o mal, <i>Maria Luísa Couto Soares</i>	153
A morte como opção: variações sobre o ensaio de Fernando Gil « <i>Mors certa, hora incerta</i> », <i>João Lobo Antunes</i>	179
<i>Os Lusíadas</i> e «a resistência de baco», <i>Helder Macedo</i>	193
Um projecto pessoano de Fernando Gil, <i>João Lopes Alves</i>	209
Pensamento soberano, abismo do fundamento e formas da irresolução, <i>Renato Lessa</i>	239
Um reformismo pessoal — e não só, <i>Carlos Leone</i>	291
Nótula sobre Fernando Gil e Montaigne, <i>Rui Bertrand Romão</i>	319
Do si ao eu. Fulguração da subjectividade leibniziana, <i>Ade- lino Cardoso</i>	333
A inactualidade produtiva do conceito benjaminiano de crítica, <i>Maria Filomena Molder</i>	351
Minando as fundações: três utopias reguladoras da medicina, <i>Manuel Silvério Marques</i>	375